A CEGUEIRA COMO UMA VISÃO DIFERENTE*

Joana Belarmino de Souza**

> A tendência da sociedade é homogeneizar, igualar, aparar as 'falhas', os 'desvios'. No entanto, a diferença é o que faz sentido.

Não desejo que este discurso seja entendido como o discurso de um especialista em educação ou educação especial. A minha comunicação é a fala de uma pessoa cega que vivenciou problemas de inclusão, de exclusão e de discriminação, e que estuda o corpo (eu estudo o corpo). Penso um pouco nisso no meu dia-a-dia, porque a cegueira vive comigo desde que eu me entendo por gente. É uma situação bem presente.

Se eu tivesse de destacar três palavras para pensarmos sobre o problema de inclusão, eu diria que essas três palavras são: *diferença, inclusão e desafio*. Entendo que a inclusão vai sempre se remeter ao desafio e à percepção da diferença.

Todos os dias, hoje, em pleno século XXI, enquanto a sociedade está vivendo um progresso intenso nas variadas áreas, a gente pode se defrontar com exemplos de discriminação e de exclusão de pessoas cegas. E por que isso? A sociedade progrediu, avançou, e centenas de pessoas denunciam todos os dias:

> Ah! Eu fui barrada num concurso público por causa da minha limitação física; ... eu não fui aceita numa escola por causa de minha cegueira; ... eu precisava de leitura

---

*Conferência apresentada no I Seminário de Educação Inclusiva da UFRN, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em abril de 2002.

**Joana Belarmino de Souza é cega e Professora da Universidade Federal da Paraíba.

> com ampliação de letras; ... eu fui barrada quando tentava abrir uma conta bancária porque as normas do banco não permitiam que uma pessoa cega assinasse seu próprio nome.

Apesar do progresso social, todos os dias a gente se defronta com problemas que revelam que a sociedade ainda não incluiu a pessoa cega como sujeito. São exemplos que revelam que a sociedade vê a cegueira como uma incapacidade que paralisa os gestos das pessoas, que paralisa a ação das pessoas, e que continua reproduzindo aquele antigo gesto de separar, de enclausurar. E de onde vem isso? Acho que poderíamos recuar a um tempo muito antigo das culturas humanas e comprovar, num tempo muito remoto, uma incapacidade fundamental que os seres humanos têm de conviver com a diferença, embora a gente saiba que a diferença é o que faz sentido. A gente só reconhece o bonito porque existe o feio, só reconhece o doce porque existe o amargo.

As proposições estão presentes em toda a vida das pessoas, e, no entanto, ao longo da cultura humana, a gente se defronta com uma incapacidade de conviver com as diferenças. A tendência da sociedade é homogeneizar, é igualar, aparar as “falhas”, os “desvios”. Mas, não sabemos determinar por que é assim. É uma determinação biológica? É uma determinação sociocultural? O que é isso?

A cegueira, no rol das chamadas deficiências, é um dos fenômenos que mais provocou, ao longo da história das culturas, esse estranhamento, essa dificuldade de conviver com as diferenças. Não sabemos por que isso aconteceu, mas é possível que tenha se estruturado nas tribos antigas. E essas tribos tinham que conviver com uma natureza muito hostil, tinham que trabalhar muito para conseguir o alimento diário, então, naturalmente, começaram a projetar modos de discriminação. As tribos antigas conviviam com desvios: os jovens por um longo tempo, da adolescência até a juventude, estavam separados do grupo dos trabalhadores e do grupo das famílias. Começava, então, a se preparar uma separação do “diferente”.

Nas tribos antigas, a cegueira foi considerada um fenômeno profundamente penalizado. Naquele momento primordial, não dá para se falar em inclusão, porque as pessoas cegas da antigüidade eram mortas ou abandonadas à sua própria sorte. Parece cruel, mas era a resposta social que as tribos antigas encontraram para resolver problemas cotidianos. Como alimentar uma pessoa que não trabalhava, que não ganhava seu próprio sustento? Como alimentar uma pessoa considerada incapaz? A partir daí dá-se a cristalização de uma série de valores com relação à cegueira, que se disseminaram no discurso religioso, na literatura, e que avançaram até a modernidade, alcançando as telenovelas.

Se pensarmos hoje sobre as telenovelas, constatamos uma aceitação simbólica da cegueira. Mas, todos que assistiram as telenovelas do SBT com personagens cegos, sabem que, no final, eles voltaram a enxergar. Isso revela, ainda, que no plano simbólico, há uma incapacidade da sociedade em conviver com a cegueira como um fenômeno que pode ser integrado e que pode ser útil e produtivo.

Chegamos à era cristã, aos primórdios da era cristã. Percebe-se que há uma preocupação pseudocientífica com as pessoas que estão cegas, mas não é uma preocupação no sentido de integrá-las, é uma preocupação de angariar, quem sabe, até a salvação, num plano divino.

> Não, a gente não pode abandonar essas pessoas que estão cegas, que estão deficientes, vamos enclausurá-las em asilos, em hospitais; elas são o objeto da nossa caridade, e assim, nós teremos conquistado uma "vaguinha" lá no céu.

Essa era a preocupação na era cristã.

Chegando à modernidade, começou uma outra forma de enclausuramento que foi o internamento dessas pessoas em instituições voltadas para a educação, voltadas para uma

possibilidade de profissionalização. E, aí, chegamos a meados do século XIX, mais precisamente no ano de 1829, quando o francês Luiz Braille publicou a primeira versão da escrita e leitura para pessoas cegas. Considero que Luiz Braille é o primeiro inclusionista da era moderna. Ele foi a pessoa que criou a ferramenta fundamental para que a sociedade pudesse olhar para uma pessoa cega de uma outra forma e, também, para que a pessoa cega pudesse olhar para si mesma de um outro modo. O Braille passa a ser a ferramenta que vai incluir, de fato, o indivíduo cego na cultura fundamental na modernidade e que se mantém ainda hoje: a chamada cultura alfabética.

Estamos cientes de que a intelectualidade dos séculos XVII, XVIII e XIX tinha um peso fundamental no ditame das regras para quem estivesse no poder. Assim, no momento em que é dado à pessoa cega a condição de poder ler e escrever, descortina-se um mundo tão amplo de possibilidades para essa pessoa que, só a partir daí, abandona-se o cenário do incluir por caridade, do incluir por filantropia, e chegamos a um cenário que inclui uma pessoa, um cidadão, com possibilidade de interferir e de transformar a sua própria cultura.

Abri este parêntese, um pouco longo, para que não nos esqueçamos disso: Luiz Braille é o primeiro inclusionista da era moderna na área da cegueira.

Dessa forma, encontramos um paradoxo. Novamente nos encontramos com a mesma questão que formulei no início: por que será que a sociedade progrediu tanto, avançou tanto, ao ponto de, em pleno século XXI, ter criado para o grupo das coletividades cegas possibilidades até então inimaginadas? A pessoa cega, hoje, é capaz de fazer pleno uso de um computador, de acessar a Internet, de ampliar o seu acervo bibliográfico acessando bibliotecas digitais, é capaz de um sem-número de coisas que as pessoas do senso comum poderiam considerar mais um milagre, que é mais uma visão, ou mais uma terceira visão, mas não! Tudo se deve a um progresso técnico. E por que se avançou tanto e estamos, ainda, debatendo o problema da inclusão? Por que isso?

Ora, nós temos um problema: a sociedade avança, progride materialmente, mas os valores culturais nem sempre, eles ficam como que cristalizados. Muita gente, e não precisa ser do senso comum, muitos governantes, muitos daqueles que ocupam cargos importantes nas instituições, ainda estão pensando como aqueles das sociedades menos esclarecidas. Obviamente que ninguém está matando os portadores de limitações, mas todos os dias as pessoas cegas padecem de pequenas mortes simbólicas, ou reais. Isso quando lhes são negadas pequenas coisas que seriam tão fáceis de implementar e que não são implementadas por falta de vontade política, por falta de sensibilidade, por falta de compreensão da cegueira como um fenômeno que está presente num sujeito que, apesar de cego, é um sujeito humano, global, um cidadão que precisa ser atendido nas necessidades e direitos comuns a qualquer cidadão.

A sociedade progrediu e avançou do ponto de vista material, do ponto de vista estrutural, ao ponto de termos verdadeiros níveis de excelência no desenvolvimento e na melhoria das condições de vida dessas pessoas, mas, os valores culturais continuam cristalizados e, hoje, podemos dizer que é a determinação cultural que faz girar as rodas da vida. Se não houver vontade política, se não houver sensibilização para o problema, as coisas não vão acontecer e continuaremos a vivenciar, dia a dia, essas pequenas lacunas que vão crescendo, crescendo, crescendo, a ponto de, ou transformar esse sujeito num ser acomodado, passivo, inerte, ou num batalhador.

Por questões culturais, o cego pode se transformar numa pessoa que vai fazer do seu dia-a-dia um dia de luta permanente, seja para conseguir a informação na parada de ônibus, seja para conseguir o texto Braille na sala de aula, seja para conseguir a voz sonorizada nos terminais bancários, seja para reinvidicar uma urna eletrônica que lhe dê competência e independência na hora da votação. Enfim, vai ser uma batalha diária que, obviamente, também cansa, pois todos os dias você precisa dizer: “eu sou cidadão, eu preciso disso, eu preciso ser incluído”. Então você vai “forçando a

barra", "quebrando portas", "abrindo janelas", e realizando a inclusão, porém com muita luta, muita dificuldade, quando esse direito já deveria ter sido reconhecido.

A sociedade progrediu, as condições técnicas, estruturais estão evoluindo, mas falta o avanço do pensamento, falta a elaboração de uma compreensão que pense na cegueira não como cegueira. Cegueira é uma palavra, cego é um substantivo carregado de toda uma carga conotativa que vem lá das sociedades primitivas, e que todas as pessoas que padecem dessa limitação visual carregam nos ombros. Mas, se nós mudarmos essa forma de pensar? Se nós, ainda que no pensamento, substituirmos essa idéia de cegueira por uma forma diferente de visão?

A pessoa cega vê o mundo, ela constrói uma visão de mundo que, se não é completamente diferente da visão que cada um de vocês constrói, dia a dia, é uma visão particular de mundo. A pessoa cega precisa, fundamentalmente, desse universo tátil para construir um mundo, ela pessoa precisa da interface Braille, que não deve nunca ser negligenciada em qualquer processo de inclusão, porque é ela quem dá acesso à cultura, à língua, à arte, à literatura e a tudo mais que podemos imaginar. Quando começamos a pensar na cegueira não como ausência de visão ocular, não como uma sintomatologia, vamos dizer assim, de incapacidade absoluta, e quando começamos a pensar na cegueira como uma visão particular do mundo, que tem que estar presente na cultura, que complementa a cultura, que ensina aos que enxergam, quando pensamos nisso, começamos a ver o sujeito, a pessoa humana que tem uma circunstância particular: falta-lhe a visão.

Num primeiro momento, podemos achar estranho o fato de eu estar falando aqui para vocês e não estar olhando para vocês, isso é muito estranho. Isso deve ser algo muito estranho para quem está enxergando, mas é só no primeiro momento. Precisamos romper esse primeiro casulo de estranhamento e mergulhar em algo que pode ser chamado de uma relação dialógica entre o universo da cegueira e o universo da visualidade, e aí a gente constrói um diálogo em que incluímos a cegueira, não por

caridade, nem como um apêndice, como uma coisa pesada que vai onerar, trazer dúvidas e dívidas, mas incluímos a cegueira como algo que vai complementar, fazer crescer a mim e ao outro. Isso na escola, no dia-a-dia, na família, em todos os lugares, em todos os espaços da vida e da cultura.

Eu queria abrir um último parêntese para retomar as minhas duas últimas palavras: inclusão e desafio. Penso que ficou bem caracterizado que a cegueira é uma visão particular, e agora eu queria falar um pouco sobre a inclusão como desafio.

Quando assisto na televisão as propagandas governamentais sobre inclusão, e quando participo de alguns eventos nos quais se fala muito sobre inclusão, a primeira tendência é pensar que o plano governamental de inclusão é grandioso, que ele vai conseguir abarcar e resolver os problemas que são colocados para a inclusão de pessoas cegas nas escolas, na saúde e em todos os espaços onde tudo isso se faz necessário. Diante disso, procuramos acreditar que os planos e soluções vão abarcar todos os elementos da problemática e que em princípio vão resolvê-los. Claro que isso é uma ilusão! Claro que a inclusão não começou agora.

A inclusão é muito mais antiga. A inclusão não acontece nessa mídia governamental que divulga uma propaganda muito bem feita. Ela não acontece nesses grossos projetos cuja maioria acaba por ser engavetada. A inclusão acontece nos pequenos gestos de cada um.

Apesar de a palavra estar na moda, a inclusão é uma seqüência de acontecimentos anônimos, muitos dos quais não aparecem na mídia, eles não são dados a serem conhecidos mas são fundamentais para que uma pessoa cega se sinta sujeito, se sinta incluída. São esses gestos que acabam sendo grandes, como este que está ocorrendo na UFRN, um gesto de criar uma comissão para pensar como serão incluídos estes três estudantes cegos que vão adentrar à Universidade. É provável que, num primeiro momento, não sejam disponibilizados para essas pessoas um scaner, um computador, uma impressora Braille. Mas a Universidade está fazendo inclusão porque está pensando junto com os deficientes

em como incluí-los. Fundamentalmente, é preciso fazer o que já está sendo feito, que é “arregaçar as mangas”, que é perguntar, que é romper o susto primeiro diante da cegueira. Mesmo que seja difícil, é preciso romper isso e pensar no outro como um ser que vê, que enxerga, que constrói uma visão de mundo que pode ser grande, desde que lhes sejam dadas as condições para isso.